

From: Eliseu Macedo

Sent: segunda-feira, 1 de Março de 2010 19:30

To: consulta.revogacao.muxes.bf@anacom.pt

Subject: Resposta a consulta Pública: Revogação dos direitos de utilização de frequências associados aos Muxes B a F

Resposta a consulta Pública: Revogação dos direitos de utilização de frequências associados aos Muxes B a F

As licenças de operação em Televisão Digital Terrestre (TDT) referentes aos MUXs B a F eram parte integrante do modelo de introdução da TDT em Portugal. Podemos comentar o pedido de revogação destas licenças pelo concorrente vencedor (PT Comunicações) sob 2 pontos de vista:

1. O Modelo de introdução da TDT é correcto mas os factores externos, tal como a PTC argumenta, modificaram-se de uma forma que impossibilita a sua concretização;
2. O Modelo de introdução da TDT em Portugal não está correcto e põe em perigo os objectivos traçados pela orientação política para o sector.

Sob o ponto de vista 1., não me parece aceitável que num concurso desta dimensão, um concorrente não acautele e preveja modificações de circunstâncias que na sua essência eram todos previsíveis. Mais se torna incompreensível quando alguns dos factores que dificultam o sucesso de uma eventual plataforma de TV paga via TDT foram gerados ou aumentados pela própria acção do concorrente que pede revogação de licença.

No entanto, esta participação na consulta pública será essencialmente feita sob o ponto de vista 2. Estão em causa metas muito importantes, um bem público precioso que é o Espectro Electromagnético - gerador de grande actividade económica e com grande peso na Sociedade moderna. É minha convicção pessoal que o modelo proposto para a introdução da TDT em Portugal é totalmente errado, e sob este ponto de vista, a revogação das licenças dos MUX B a F acaba por ser um mal menor, para não dizer o evitar de um erro estratégico de grandes dimensões.

Em primeiro lugar devemos ter presente a seguinte questão: Qual o objectivo da TDT? A resposta a esta pergunta ditará em grande parte o que se deverá fazer daqui para a frente. Como Engenheiro de Telecomunicações, devo dizer que a resposta se me afigura simples: quando os grupos DVB e MPEG começaram a desenvolver as respectivas normas e sistemas, os objectivos eram naturalmente melhorar e otimizar a utilização do bem precioso que é o espectro. Basicamente, podemos agora transmitir a mesma informação gastando menos espectro. E portanto, sob este ponto de vista, a TDT visa otimizar a utilização da extensa faixa VHF / UHF. Com a TDT podemos deixar de utilizar a banda VHF - BI (canais 2, 3 e 4), de reutilização de frequência muito difícil (há relatos da captação do emissor da Lousã -C3 no Canadá!), podemos re-organizar a Banda VHF-BIII para serviços de T-DAB e/ou DVB-T e podemos libertar parte do espectro para outros serviços que não TV/ Radio. Neste contexto, a tendência geral e quase certa na Europa é a re-alocação da faixa 790 a 862 MHz para outros serviços de telecomunicações. Como é sabido, o extremo superior da banda de UHF apresenta um compromisso muito bom entre as perdas de propagação em espaço livre e a reutilização

de frequência, possibilitando assim com custos baixos (e baixas potências) disponibilizar vários serviços directos às populações. Podemos então concluir que as vantagens da TDT vão muito para além de uma mera melhoria técnica do serviço de radiodifusão terrestre. A TDT pode ser catalisador de uma maior actividade económica e geradora de riqueza. Ou de outra forma, talvez se deva dizer: o Dividendo Digital tem um enorme potencial impacto económico e social.

O Dividendo Digital - o espectro remanescente após o desligamento dos postos emissores analógicos - é verdadeiramente tudo o que interessa na implantação da TDT. E será este processo pacífico e fácil de realizar? De modo algum! O modelo de TDT português assenta na afectação de 5 frequências para canais de acesso condicionado e apenas 1 frequência (MUX A) para canais livres. Para sustentar a minha opinião que este modelo é totalmente errado, gostaria de lembrar o que aconteceu nas primeiras tentativas de implantação de TDT paga em países como Espanha e Reino Unido: ambas falharam! Mais grave do que isso, atrasaram o processo de "Switch Off" vários anos. Espanha e Reino Unido compreenderam que as vantagens do Switch Off em termos económicos, estar em 2012 na linha da frente para implantação de novos serviços (IMT por exemplo) se sobrepujam a uma possível, mas lenta e difícil exploração comercial de uma plataforma de TV digital por via terrestre. Os falhanços da "ON Digital" e "Quiero TV" deram hoje lugar a 2 espectaculares casos de sucesso na implantação de TV digital. Como se mede o sucesso? Em taxa de penetração! Não é viável em país algum o simples desligar de emissores que abrangem milhões(!) de pessoas e que não têm outro modo de ver TV sem que estas estejam realmente preparadas para receber as emissões digitais. Não basta ter cobertura. Há que favorecer a migração voluntária, quer com campanhas, quer com equipamentos de baixo custo. Mas há um factor essencial que determinou o sucesso da TDT tanto no Reino Unido como em Espanha, como em França, como em Itália. A receita é geral na Europa: a ampliação da oferta de TV Livre!

Vejamos alguns exemplos da ampliação da oferta de TV Livre com o surgimento da TDT:

Espanha - 20 canais livres: <http://www.impulsatdt.es/consumidores/contenidos-TDT/canales-y-servicios-de-tdt/>

França - 18 canais livres: <http://www.tvnt.net/chaines-gratuites-221.html>

Reino Unido - <http://www.freeview.co.uk/freeview/Channels>

Em geral, a oferta em digital mais do que quadruplicou após o início das emissões em TDT !

Espanha prepara o apagão analógico já final no próximo mês, estando em 2010 em condições de dar uso ao Dividendo Digital! Esteve 5 anos em simulcast e é um ótimo exemplo de como implantar TDT num país do Sul da Europa. Portugal, além de actualmente ter uma oferta de TV livre paupérrima tem ainda contra si um factor importante - a decisão de utilizar o codec vídeo AVC/H.264 torna os equipamentos substancialmente mais caros. É ainda mais um factor que pesa negativamente na penetração da TDT portuguesa. Penso que, para uma rápida massificação da TDT e que possibilitaria um switch off mais rápido, teria sido importante a utilização do MPEG-2 em conjunto com uma oferta ampliada de serviços televisivos em SD. A introdução do H.264 deveria pensada para entrar em operação mais tarde, numa única mudança de sistema em conjunto com o DVB-T2. Deste modo a capacidade da plataforma ficaria

realmente otimizada para serviços em HD. A oferta de serviços rádio deveria também ser equacionada. É também bom não esquecer que o canal RF onde opera actualmente o MUX A está exactamente na faixa que se pretende libertar para afectação a outros serviços. Urge portanto fomentar a adesão ao visionamento via TDT de modo a poder ser possível um desligar analógico e nova re-organização espectral, passando o MUX A para uma frequência abaixo dos 790 MHz.

Ouso então fazer uma proposta às entidades competentes para a reorganização/ novo modelo de TDT portuguesa:

Até 2012:

Entregar o mais rapidamente possível os 3 MUXs de cobertura de âmbito nacional, MUX A, B e C aos 3 operadores com licença para operar TV por via terrestre: RTP, SIC TVI e alterar as respectivas licenças para poder difundir novos conteúdos. Cada operador irá ficar, grosso modo, com 20 Mbps para disponibilizar conteúdos quer em SD, quer em HD. A gestão de cada um dos 3 MUX Nacionais A, B, C será da inteira responsabilidade de cada empresa citada, tendo no entanto que cumprir certos requisitos de bit-rate mínimo par serviços TV quer em SD, quer em HD. A oferta de canais temáticos deve ser equacionada e favorecida. Como mero exemplo poderíamos ter, até 2012, uma plataforma TDT de acesso livre com o seguinte aspecto:

MUX A - RTP

RTP1
RTP2
RTPN
RTP Memória
RTP HD
(eventualmente rádios: RDP1, 2, 3)

MUX B - SIC

SIC
SIC Notícias
SIC Radical
SIC HD
...

MUX C - TVI

TVI
TVI 24
TVI HD
...

Deste modo 3 operadores actuais estão em igualdade de circunstâncias. Cada um tem exactamente o mesmo meio de difusão, com as mesmas características. Cabe portanto a cada operador tirar partido do seu MUX. No futuro, poder-se-ia mesmo equacionar a oferta de serviços pagos - explorados directamente pela empresa TV - como por

exemplo eventos pagos, video on demand, etc, em cada MUX, mas apenas como complemento. A Oferta TDT teria que ser percebida como tendencialmente livre, e à medida que a penetração aumentasse só nessa altura se deveria pensar em ofertas pagas.

Relembro - 1º objectivo: Rápida massificação (i.e., penetração) da TDT até 2012 para se desenrolar o apagão analógico sem problemas.

2ª Fase - Após 2012:

Depois do apagão analógico, temos uma oportunidade única para reorganizar o espectro e/ou serviços. No que respeita à oferta televisiva, podemos após 2012 pensar no 5º canal de TV, mas eu diria que muito mais importante que isso é abrir a TDT à possibilidade - tal como em Espanha - do surgimento de TV's Locais e Regionais. A rede actual em SFN não é muito propícia à emissão de TV's locais / regionais. Só após o apagão analógico e com o surgimento de novos MUXs de âmbito distrital e/ ou regional se tornará possível finalmente o tão desejado início de estações locais de TV.

Nota final

É comumente aceite que vivemos hoje na chamada "Sociedade da Informação". Esta realidade é incontornável e inadiável. Importa que os decisores políticos percebam que é uma questão de tempo até a Sociedade perceber aquilo que poderia ter e não tem com a TDT. As comparações com Espanha, França, até Marrocos e Malta são já comuns nos fóruns de discussão na Internet. Por outro lado, a "desculpa" que só existem 4 licenças de TV para operar em modo livre e não podem surgir mais peca por (tentar) negar à Sociedade a possibilidade de aceder realmente à tão falada Sociedade de Informação. Este factor (falta de licenças) nunca foi razão para o não surgimento de ofertas de TV livre e variada em países bem perto de nós. A "Tematização" dos conteúdos é também uma tendência em crescimento, e vemos canais temáticos públicos fazendo parte das ofertas TDT livre em vários países. Se não acompanharmos na TDT a evolução que se verifica na Sociedade, esta (a TDT) irá ser ultrapassada pelos acontecimentos, como é por exemplo o surgimento de canais TV difundidos por outros meios.

Em resumo, a oferta de HD em detrimento de SD não tem sido o forte catalisador para o sucesso de plataformas TDT. Nem mesmo a suposta melhoria dos sinais SD o é. Pelo contrário, quem hoje tiver uma qualidade de recepção analógica muito boa, pode ser mesmo prejudicado se não forem respeitados os parâmetros de qualidade "broadcast". Infelizmente, pude comparar recepção simultânea analógica e digital de alguns programas e foi possível constatar alguns artefactos na emissão digital. Outro problema é o enorme atraso temporal que se verifica na emissão em TDT, não totalmente explicável pela codificação H.264.

Espectro é dinheiro. O Impacto de um modelo de introdução da TDT correcto e que facilite a migração voluntária para TV digital será sem dúvida uma mais valia para Portugal. Ao dar às populações algo em troca pelas frequências a libertar, obtém-se simultaneamente uma maior adesão à TDT, diminuindo a info-exclusão e uma capacidade de começar mais rapidamente a operar os novos serviços que se adivinham poder a vir ser implantados no âmbito da exploração do Dividendo Digital.

--

Eliseu A. Macedo